

ESTUDO DO MAGNIFICAT

Prof. Cleiton Robsonn

Brasilia-DF

2015

Introdução

O *Magnificat* é o texto bíblico mais longo colocado na boca de Maria. Aqui não se fala de Maria, mas é Maria mesma que fala: fala de Deus e das maravilhas que realizou nela, no mundo e no seu povo.

Esse cântico foi declarado pelos documentos de Puebla o “espelho da alma de Maria”, o “cume da espiritualidade dos pobres de Javé e do profetismo da Antiga Aliança” e o “prelúdio do Sermão da Montanha”. Além disso, esse hino oferece uma síntese da espiritualidade cristã em óptica mariológica. Enfim, ele é considerado como o *locus major* da “mariologia da libertação”, e isso pelo próprio Magistério¹.

O cântico de Maria ressoa de citações ou de evocações vétero-testamentárias, especialmente em relação ao Cântico de Ana, pronunciado por ocasião do nascimento do filho Samuel (1Sm 2,1-10) e este é o pano de fundo do *Magnificat*.

Com a expressão *Magnificat*, versão latina de uma palavra grega que tinha o mesmo significado, é celebrada a grandeza de Deus, que com o anúncio do anjo revela sua onipotência, superando as expectativas e as esperanças do povo da aliança e inclusive os mais nobres desejos da alma humana.

Frente ao Senhor, potente e misericordioso, Maria manifesta o sentimento de sua pequenez: “Minha alma proclama a grandeza do Senhor; alegre meu espírito em Deus, meu salvador, porque olhou para a humilhação de sua escrava” (Lc 1,46-48). Provavelmente, o termo grego *tapeinosis* foi tirado do Cântico de Ana, a mãe de Samuel. Com ele indicam a “humilhação” e a “miséria” de uma mulher estéril (cf. 1Sm,11), que encomenda sua pena ao Senhor. Com uma expressão semelhante, Maria apresenta sua situação de pobreza e a consciência de sua pequenez perante Deus que, com decisão gratuita, colocou seu olhar sobre ela, jovem humilde de Nazaré, chamando-a a converter-se na mãe do Messias.

As palavras “de agora em diante todas as nações me chamarão bem-aventurada” (Lc 1,48), têm como ponto de partida a felicitação de Isabel, que foi a primeira a proclamar a Maria “bendita” (Lc 1,45). O cântico, com certa audácia, prediz que essa proclamação irá se estendendo e ampliando com um dinamismo incontido. Ao mesmo tempo, testemunha a veneração especial que a comunidade cristã sentiu pela Mãe de Jesus desde o século I. O *Magnificat* constitui a primícia das diversas expressões de culto, transmitidas de geração em geração, com as quais a Igreja manifesta seu amor à Virgem de Nazaré.

“O Poderoso fez em mim maravilhas; seu nome é santo e sua misericórdia chega aos fiéis de geração em geração” (Lc 1,49-50). O que são essas “maravilhas” realizadas em Maria pelo Poderoso? A expressão aparece no Antigo Testamento para indicar a libertação do povo de Israel do Egito ou da Babilônia. No *Magnificat* refere-se ao acontecimento misterioso da concepção virginal de Jesus, acontecido em Nazaré depois do anúncio do anjo.

No *Magnificat*, cântico verdadeiramente teológico porque revela a experiência do rosto de Deus feita por Maria, Deus não só é o Poderoso, a quem nada é impossível, como havia declarado Gabriel (cf. Lc 1,37), mas também o Misericordioso, capaz de ternura e fidelidade para com todo ser humano.

¹ *Marialis cultus*, 37; *Redemptoris mater*, 37; *Libertatis conscientiae*, 48, 97-100; *Puebla*, 297 e 1144.

“Ele faz proezas com seu braço; dispersa os soberbos de coração; derruba do trono os poderosos e enaltece os humildes; os famintos os sacia de bens e despede os ricos de mãos vazias” (Lc 1,51-53). Com sua leitura sapiencial da história, Maria nos leva a descobrir os critérios da misteriosa ação de Deus. O Senhor, confundindo os critérios do mundo, vem em auxílio dos pobres e pequenos, em detrimento dos ricos e dos poderosos, e, de modo surpreendente, enche de bens os humildes, que lhe encomendam sua existência (cf. *Redemptoris mater*, 37).

Estas palavras do cântico, ao mesmo tempo em que nos mostram em Maria um modelo concreto e sublime, nos ajudam a compreender que o que atrai a benevolência de Deus é sobretudo a humildade de coração. Por último, o cântico exalta o cumprimento das promessas e a fidelidade de Deus com o seu povo escolhido: “Auxilia a Israel, seu servo, lembrando-se de sua misericórdia, como havia prometido a nossos pais, em favor de Abraão e sua descendência para sempre” (Lc 1,54-55).

Maria, cheia de dons divinos, não se detém a contemplar seu caso pessoal, mas compreende que esses dons são uma manifestação da misericórdia de Deus a todo seu povo. Nela Deus cumpre suas promessas com uma fidelidade e generosidade abundantes.

O *Magnificat*, inspirado no Antigo Testamento e na espiritualidade da filha de Sião, supera os textos proféticos que estão em sua origem, revelando na “cheia de graça” o início de uma intervenção divina que vai além das esperanças messiânicas de Israel: o mistério santo da Encarnação do Verbo.

O *Magnificat* assemelha-se a um salmo de louvor, composto de três partes: a) uma *introdução* ao louvor de Deus; b) o *corpo* do salmo, enumerando os motivos do louvor (muitas vezes, aparece nessa lista o “porquê”. Os motivos de se louvar a Yahweh são suas façanhas salvadoras em favor de seu povo ou em favor de algum de seus servos, bem como seus atributos divinos: poder, sabedoria, misericórdia); c) a *conclusão*, que pode recapitular alguns dos motivos do louvor, incluir uma bênção ou apresentar uma súplica.

Portanto, o *Magnificat* se organiza num esquema tripartite, como propôs J. Dupont², seguido nisso pela maioria dos autores subsequentes: 1) ação divina em *Maria*: mensagem pessoal; 2) ação divina na *Humanidade*: mensagem social; 3) e ação divina no Povo de *Israel*: mensagem étnica.

Analisemos, pois, este cântico louvor e, ao mesmo tempo, grito de libertação, seguindo a estrutura supracitada.

1.1. “A minha alma engrandece o Senhor”

O clima aqui é de *sagrado entusiasmo*. Este é um canto extático. É uma ‘ode a Deus’. Todo o cântico vibra de um fervor transbordante. É algo que nasce de uma profunda *experiência* de Deus, de seu poder e de seu amor. Ora, a experiência é a “escola do espírito”, como declara Lutero, acrescentando:

Como a água fervente transborda e espuma porque não pode mais se conter na panela por causa do grande calor, assim são as palavras da beata Virgem nesse canto. Poucas, mas profundas e grandes. A

² “Le *Magnificat* comme discours sur Dieu”. In : *Nouvelle revue théologique*. Louvain, 1979.

peças assim São Paulo chamava “fervorosos no Espírito” (Rm 12,11), isto é, os “espiritualmente ferventes e espumantes”, e nos ensina a sermos assim.³

1.2. “E exulta meu espírito em Deus meu Salvador”

Notar o tom de *alegria* nesta parte do cântico. Maria mostra-se uma jovem alegre. Se ensaiou algum passo de *dança*, não seria de se admirar. A dança na Antiguidade, também entre os hebreus, era uma expressão cultural. O *exultavit* chama o *exsultavit*: dançou. “Alma e espírito” são o ser humano *inteiro*, com seu sentimento e com sua inteligência.

1.3. “Porque olhou para a pequenez”

Aqui, para Maria, *tapeínoosis* significa, em primeiro lugar, a *humilhação* social. Refere-se a uma *situação* objetiva: sua insignificância social ou, talvez mesmo, seu estado de virgindade, pouco valorizada entre os judeus, tanto mais se fosse permanente. Mas significa também a *humildade* moral. Trata-se então da *virtude* pessoal da Virgem, que assume com coragem sua pouca importância social e se entrega a Deus cheia de temor e de confiança, exatamente como uma verdadeira “pobre do Senhor”.

1.4. “Sua serva”

É simultaneamente um título de honra e de humildade: *honra*, porque o serviço do Onipotente; *humildade*, porque na dependência de um outro sempre maior. “Servo” é o instrumento da vontade de Deus na história. Assim, os grandes homens do AT foram chamados servos, especialmente Moisés no livro de Josué. Eles atuaram efetivamente como os mediadores do plano divino da salvação.

Maria se proclama “serva” (*doúlee*) porque totalmente a serviço de Deus. É seu título de grandeza e também de pequenez. É através desse título que ela entende sua identidade e sua missão. Tal é a sua automariologia.

1.5. “Todas as gerações não de chamar-me de bendita”

A maternidade, na Bíblia, é sempre uma bênção de Deus e uma felicidade para a mulher. Se é assim, então será tanto mais abençoada a maternidade daquela que é a Mãe do Messias, como, há pouco, “proclamara em alta voz” sua prima Isabel: “Bendita és tu entre as mulheres...” (Lc 1,42).

Na verdade, o elogio a Maria começa já no NT e constitui a protomariologia: é A anjo que saúda como “cheia de graça” (Lc 1,28); é Isabel que proclama “bendita entre todas as mulheres” e ainda “bem-aventurada” porque “acreditou” (Lc 1,45); é a mulher popular que proclama: “Feliz o ventre que te trouxe e os seios que te amamentaram” (Lc 11,27); é o próprio Jesus que a chama “Mulher”, entendendo-a como nova Eva, a Mãe da nova Humanidade (Jo 2,4;19,26).

³ Martim Lutero. **O louvor de Maria: o Magnificat**. S. Leopoldo / Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1999. p. 122.

Esta é a “mari-eulogia”, feita da admiração e do amor e que continua história afora, inclusive fora do Cristianismo. Não teve mulher “mais cantada em prosa e verso” do que Ela; nem outra mais representada pelo pincel dos artistas; nem uma princesa que tivesse palácios mais esplêndidos do que Ela, com suas catedrais e com seus santuários.

1.6. “O Senhor fez em mim grandes coisas”

“Grandes coisas” são: 1) antes de tudo, as grandes *libertações* realizadas por Deus na história de seu Povo: a egípcia, a babilônica e a messiânica no fim dos tempos; 2) são também as *maravilhas* operadas por Deus no deserto: o maná, a água da rocha, a serpente de bronze, as codornizes, etc.; 3) são ainda as libertações da *esterilidade*, de que foram objeto as matriarcas Sara, Rebeca, Raquel, Ana, etc.; 4) são enfim as libertações realizadas ou ao menos cantadas por grandes *mulheres*, como Miryam, a irmã de Moisés; Ana, a mãe de Samuel; Débora, a juíza; Jael, a matadora de Sísara; Judite, que decapitou Holofernes; Ester, por cuja intercessão o povo foi salvo do extermínio. Maior, porém, que todas essas libertações é aquela de que Maria é a portadora: a libertação soteriológica e escatológica.

A segunda parte do *Magnificat* é o “núcleo duro” do cântico. Agora o hino assume um tom extremamente enérgico, como se exprime, com vigor, D. Bonhöffer:

Não fala aqui a doce, terna e sonhadora Maria das imagens, mas um Maria apaixonada, impetuosa, ativa, entusiasta. Nada dos acentos adocicados e melancólicos de tantos cantos de Natal, mas o canto forte, duro, impetuoso dos tronos que desmoronam, dos senhores humilhados, da potência de Deus e da impotência dos homens.⁴

2.1. “Seu amor para sempre se estende”

O NT grego traz *éleos*, que traduz duas palavras hebraicas: 1) *hesed*, amor de solidariedade, de libertação, que é de tipo mais “masculino”; 2) *rahamim*, amor de compaixão, amor entranhado, visceral, de tipo mais “feminino”. O fato é que Maria vê o amor de Deus cobrindo a história inteira e movê-la. Contudo...

2.2. “... sobre aqueles que O temem”

Contudo, é preciso acolher o amor de Deus. É o que fazem os “tementes” de Deus: os *phobouménois*. Os que “temem a Deus” são concretamente os *anawim*. Estes são o objeto da graça de Deus e de sua ação libertadora.

Como se verá, os “tementes de Deus” assumem, em geral, na história a figura sociopolítica dos “humildes” (pequenos e fracos) e a figura socioeconômica dos “famintos” (pobres).

2.3. “Manifesta o poder de seu braço”

Esta expressão nos reporta ao Deus libertador e vitorioso, tanto na obra da Criação (Sl 89,11), como na gesta do Êxodo egípcio (Sl 136,11-12). O libertador agiu *ontem* na história do Povo de Deus, age *hoje* em Maria e agirá *amanhã* na caminhada dos humildes e pobres. É também o sentido dos cinco verbos seguintes, todos no aoristo grego.

⁴ Sermon sur le Magnificat. *Bible et vie chrétienne*, 106 (1972), p. 36.

2.4. “Dispersa...”

Maria não proclama a “destruição” física dos soberbos. Usa um termo mais *light*: “dispersa”. Embora seja um termo militar, significando a derrota do inimigo (cf. Sl 89,11; At 5,37), “dispersar” evoca ainda idéia de desarticular, de tirar a força ao adversário, de anular seus projetos, e não tanto de destruir suas pessoas. Ninguém melhor que a Virgem sabe que YHWH “não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva” (Ez 33,11).

Apesar do vigor “revolucionário” da linguagem de Maria, não há nela sequer um iota da “lei do talião”, ou seja, da dinâmica da vingança. Nenhum laivo, por pequeno que seja, da lógica do ressentimento. Nesse sentido, a Virgem cantora chega inclusive a corrigir o Cântico de Ana. Esta fala duas vezes de “inimigos” (1Sm 2,1.10), dizendo inclusive que serão “esmagados” (v.10). A Virgem, porém, toma distância dessa linguagem.

Têm, pois, razão os Bispos de Puebla ao afirmarem que a mensagem do *Magnificat* preludia o Sermão da Montanha (n. 297). A revolução de Maria é a da misericórdia, da mansidão, da paz, da graça, do amor, da alegria.

2.5. “os Orgulhosos...”

São os arrogantes (espirituais), que se encarnam historicamente, nos poderosos e nos ricos. De fato, os últimos livros da Bíblia (Tobias, Macabeus, Judite, Ester e Daniel) chamam de “arrogantes” precisamente os poderosos, opressores do Povo santo. Maria deve ter pensado, de imediato, em Herodes, em Augusto, quem sabe em Anás e Caifás e mais longinquamente no Faraó, em Nabucodonosor, em Antíoco IV Epífanes.

2.6. “... nos pensamentos de seu coração”

A versão do *Magnificat* para a “Liturgia das horas” infelizmente cortou essa expressão tão significativa. Ela mostra que é sobretudo no “coração”, no íntimo do ser humano, que se enraízam, de fato, as opressões. As religiões todas sempre ensinaram isso, contra a Modernidade, que põe a base dos problemas nas “estruturas” exteriores.

2.7. “Derruba de seu trono...”

Chegamos aqui ao pico do poema. “Derruba”, *kath-ei-len*, significa: de-põe, põe abaixo, apeia, abate. Palavra ousada, fortíssima! É a “subversão de Deus” em relação a todas as hierarquias injustas e a todas as “ordens violentas”. É a “revolução de Deus” que está em ação na história.

A “derrubada dos Poderosos” é uma idéia que pertence ao conceito bíblico de Deus, em sua atuação histórica (cf. Jó 12,18-19; Is 2,11-17; Dn 4,34). Vem o mais das vezes expressa em forma *ampliada* e contrastante: Deus “humilha os orgulhosos e exalta os humilhados” (cf. Pr 3,34; Jó 22,29; Sl 18,28; Sir 10,14; Is 2,12; Ez 21,32; 2Sm 2,7; Lc 14,11; 18,14; Mt 23,12). Como se vê, o Deus do *Magnificat* é o Deus bíblico, isto é, um Deus verdadeiramente revolucionário. A idéia de “revira-volta”, de “inversão de posições” ou simplesmente de “re-volução” das situações é *central* na Bíblia. Ela tem um alcance, não só escatológico (no Juízo), mas também histórico (na vida).

Proclamando a “derrubada dos poderosos” Maria devia pensar nos opressores históricos do Povo santo, que acabaram sendo humilhados por Deus, como o Faraó (Ex 14: passagem do Mar Vermelho), o rei Antíoco IV (1Mc 6, 12-13), os generais Holofernes (Jt 13,5) e Nicanor (2Mc 8,35), Amã (Est 1,1k) e especialmente Nabucodonosor (Dn 4).

2.8. “... os Poderosos”

Trata-se aqui dos que detêm o poder, mas, mais precisamente, dos que *abusam* do poder, dos déspotas. De fato, só Deus é realmente Poderoso, o *Todo-poderoso* (v. 49). Os grandes deste mundo “parecem” apenas mandar, como dá a entender Jesus (cf. Mc 10,42). Na verdade, não mandam nada ou muito pouco, como lembrou Cristo a Pilatos, que presumia “deter o poder” para soltá-lo ou para crucificá-lo: “Não terias poder algum sobre mim, se não te tivesse sido dado do alto” (Jo 19,10-11).

2.9. “e eleva os humildes”

Essa idéia é expressa, na Bíblia, também de modo absoluto, sem o contraponto da humilhação dos soberbos (Jó 5,11; Sl 113,7-8). O Deus bíblico é o exaltador ou o reabilitador dos humilhados. Em quem Maria deve ter pensado quando se refere aos humildes, elevados por Deus? Certamente em Abraão, em Moisés (Nm 12,3), em Jó (Jó 42,10-17) e, sem dúvida, nela mesma.

Maria mesma é o “protótipo da pessoa humilde que Deus exaltou. Ela o declara no *Magnificat*: “Deus olhou para a pequenez de sua serva, doravante todas as gerações me proclamarão bem-aventurada. O Poderoso fez em mim maravilhas” (vv. 48-49). E Jesus, por seu lado, é o “archétipo” da lógica divina que “subverte” a da história humana, a saber, a lógica do “humilhado-exaltado” (cf. Fl 2,5-11).

2.10. “Sacia de bens os famintos”

O Deus bíblico não quer famintos, ao contrário, ele manda saciá-los (cf. Dt 19,15-18). Mais, ele mesmo provê alimento às suas criaturas, como proclamam os Salmos (34,11; 107,8-9; 104,27-28; 136,25).

Além disso, o “matar a fome” dos pobres é, na Bíblia, uma das funções do Messias e, por isso, um dos sinais de sua chegada. Era a idéia que a multidão tinha de Messias no tempo de Jesus, como mostra a reação do povo depois da multiplicação dos pães (cf. Jo 6,14-15.26), embora fosse a idéia rasteira e redutiva de um Messias “rei provedor”, que Jesus busca elevar (cf. Jo 6,26-27; 18-36). Pois, o pão material pode funcionar, sim, como um sinal do Reino. Por isso mesmo, Jesus proclama que Deus, no Reino iminente, há de saciar os pobres (Lc 6,21). Ele mesmo multiplica o pão e manda distribuí-lo aos famintos (Mt 14,16; Lc 16,19ss). Com estes, inclusive, Ele se identifica (Mt 25,35).

2.11. “Despede os ricos sem nada”

Os ricos são a figura histórica dos “orgulhosos”. A menos que se convertam a Deus e aos pobres os ricos vivem sob a ameaça de Deus: “Eia, pois, chorai e gemei, ó ricos, sobre as desgraças que vos esperam!” (Tg 5,1). “Ai de vós, ó ricos, pois já tendes a vossa consolação! Ai de vós, que agora estais saciados, porque haveis de ter fome!” (Lc 3,24-25). De todos os

modos, a denúncia de Maria é surpreendente mais leve: não lhes deseja a fome, isto é, o estômago vazio, mas apenas as mãos...

3.1. “Acolhe Israel, seu servidor, fiel ao seu amor”

Maria está plenamente inserida no seu povo. Sente-se com santo orgulho, “filha de Israel”. Nisso é como Paulo, que se compraz em elencar os privilégios do Povo santo (Rm 9,4-5). Jesus igualmente não despreza seu povo, ao contrário, o tem em alta estima (Jo 4,22). Chegou a chorar a destruição da Cidade santa por seu endurecimento (Lc 19,41).

Contudo, não se trata de um patriotismo fechado, mas aberto: Israel é um povo *para* todos os povos. Se tem uma vocação particular é em vista de uma missão universal. É um caminho especial a serviço da salvação geral. Maria é filha do Antigo Povo, mas também Mãe e Filha do Novo, feito de todos os povos. Sua posição na História da salvação é no *centro*, entre Israel e a Igreja (cf. Gl 4,4). Ela é a mãe universal, sem excluir a gente da sua raça.

3.2. “Como havia prometido a nossos pais”

Deus não está amarrado a nada, a não ser às suas promessas. Ora, as promessas feitas aos Pais se concentram no dom do *Messias*. Paulo concretiza ainda mais estas promessas referindo-se à *ressurreição*, como declara em sua célebre defesa diante do Sinédrio: “Irmãos, é por causa de nossa esperança, a ressurreição dos mortos, que estou sendo julgado” (At 23,6; cf. 26,6). Essa promessa/esperança foi maximamente atuada “na ressurreição de Jesus” (At 13,33).

3.3. “... em favor de Abraão e de seus filhos para sempre”

As promessas especificamente feitas a Abraão são: terra, descendência e bênção universal. Mas foram reelaboradas no NT em termos espirituais: são respectivamente o Reino (Mt 5,5; Hb 4,8-9; 11,13-16), Cristo (Gl 3,16) e os cristãos (Rm 5,16-17) e finalmente a salvação de todos em Jesus (Gl 3,8-9).

Tais promessas se prolongam ao longo da história, sobre a descendência de Abraão, como aparece nas promessas que Deus lhe fez: “Estenderei minha aliança entre mim e ti, e, depois de ti, às gerações que descenderão de ti” (Gn 17,7; cf. Mq 7,20).

Assim, o ritmo do Cântico se termina num *ralentando* solente e seu tom num *decrecendo* admirável, enquanto sua luz nos alcança a nós, que vivemos nos dias de hoje.

Conclusão

Magnificat, canto que revela o coração da Mãe e anuncia a História da Salvação, qual melodioso prelúdio ao anúncio evangélico de Jesus, testamento espiritual de Maria, lição de oração e de compromisso que aprendemos na escola materna de Maria, eco contagiante da pobreza de Maria e de sua paixão [compaixão!] pela sorte dos oprimidos; aplicação a Maria da lei já aplicada da Jesus: o servo humilhado é supremamente exaltado pelo Senhor misericordioso e onipotente (cf. Lc 1,45-55), confrontando com Fl 2,6-11); hino de ordem místico-espiritual bem como a qualquer tentativa de interpretação puramente secularizante, mas que deve ser interpretado e completado por outros textos da Boa Nova de Jesus Cristo é

“mensagem” de vida nova para a Igreja, que quer imitar e viver plenamente, seu modelo e protótipo: a humilde e pobre Virgem Maria, em quem repousou o olhar amoroso de Deus e a quem todas as gerações proclamaram bem-aventurada, pois nela Deus operou maravilhas.

Por tudo isso, urge reatualizarmos o *Magnificat* de Maria em nossa vida! Não basta conhecê-lo, rezá-lo, aprender com ele que “os pobres são o sacramento de Cristo”⁵.

– Bibliografia consultada –

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2000.

AUTRAN, Aleixo Maria. **Maria na Bíblia.** São Paulo: AM Edições, 1992.

BOFF, Clodovis. **Introdução à Mariologia.** Petrópolis: Vozes, 2004.

BROWN, R.E. (et al.). (Orgs.). **Maria no Novo Testamento.** São Paulo: Paulinas, 1985.

CANTINANT, Jean. **La Madonna nella Bibbia.** Bari: Edizioni Paoline, 1970.

LUTERO, Martim. **O louvor de Maria: o Magnificat.** S. Leopoldo / Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1999.

OSSANNA, Tullio Faustino. **Il Magnificat: canto e rivelazione.** Bologna: Edizioni dell’Immacolata, 1991.

_____. **Il ruolo profetico di Maria.** Roma: Edizioni Borla, 1981.

Documentos Eletrônicos:

<http://portalcot.com/reporter/magnificat-a-oracao-de-nossa-senhora/>. Acessado em 17 de novembro de 2009.

⁵ Cf.: João Paulo II, discurso proferido em 11 de fevereiro de 1979.